

USP - Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de Lingüística

**ANÁLISE DOS MARCADORES CONVERSACIONAIS EM GUARANI
JOPARÁ**

Dami Glades Maidana Baz

Dissertação apresentada ao
Departamento de Lingüística
da Faculdade de filosofia
Letras e ciências Humanas da
Universidade de São Paulo
como requisito para obtenção
do título de Mestre em
Lingüística.

Orientador: Prof. Dr. Waldemar Ferreira Netto

SÃO PAULO

2006

USP - Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de Lingüística

**ANÁLISE DOS MARCADORES CONVERSACIONAIS EM GUARANI
JOPARÁ**

Dami Glades Maidana Baz

SÃO PAULO
2006

Banca

Agradeço,

A Ñandejara...

Ao meu orientador, Waldemar Ferreira Netto, pelas valorosas orientações e pela confiança depositada em mim.

Às professoras Maria Vicentina do Amaral Dick e Rosane de Sá Amado pelas significativas contribuições por ocasião do exame de qualificação.

Aos meus familiares de Ponta Porá – MS, José, Kátia e Sílvio Vaz, pelo auxílio prestado na pesquisa de campo realizada no Paraguai.

Aos amigos Isabel, Rodrigo, Saulo, Mari, Jô, Júlio, Lúcio, Robson, Márcia, Lucídio, Janete e Dewar, Ofélia, pelo apoio que foi essencial para que este trabalho se realizasse.

Ao Christian pela sua presença e carinho.

À minha família, minha mãe, Fidelina e avó Francisca, meus irmãos Beatriz e José Antônio por tudo o que significam nesta trajetória.

Resumo

O projeto NURC surge no Brasil para estabelecer amostras da norma culta falada em cinco grandes capitais brasileiras. Fundamenta-se na pragmática, a conversação entre os falantes é analisada e os resultados desta análise desvendam os elementos típicos da oralidade. Um dos elementos mais estudados tem sido os marcadores conversacionais ou discursivos. Estes são relevantes para a coesão e coerência do texto falado. A partir do estudo sobre a norma culta, averiguamos a presença dos marcadores conversacionais na língua falada no Paraguai, o guarani jopará. Trata-se de uma língua que se mistura com o espanhol. São encontradas grandes mesclas lingüísticas que se evidenciam também nos marcadores conversacionais. Este trabalho visa, portanto, apresentar alguns marcadores conversacionais presentes no *corpus* e estabelecer suas funções dentro do contexto interacional do ato comunicativo. Visa também apresentar os marcadores conversacionais responsáveis pelos encadeamentos entre os super-tópicos e tópicos do texto oral.

Palavras-chave: línguas indígenas; tupi-guarani; guarani Jopará; línguas de contato; marcadores conversacionais.

Abstract

The project NURC was created in Brazil as an attempt to establish samples of educated spoken language. Relying on pragmatics, the speakers conversations are analysed and the results shows an increasing number of typical elements of oral language.

One of the most frequently studied elements has been the conversational or discursive markers, essential for cohesion and coherence of spoken text.

We research the conversational markers in the language spoken in Paraguai: The Guarani jopará. It is a language that is mixed with Spanish. Is possible to find a lot of linguistic mixing in the guarani jopará conversational markers too. Therefore, this study aimed at presenting some conversational markers founded in the *corpus* and defining their functions within the interaction context of the communicative act.

Key-words: indígenous language; tupi-guarani; guarani Jopará; language in contact; conversational markers.

Sumário

INTRODUÇÃO	08
CAPÍTULO 1 – METODOLOGIA E BASES TEÓRICAS	12
1.1. As guerras do Chaco e a Tríplice Aliança	16
1.2. Variantes Jopará-Crioulização	18
1.3. Quadro dos Marcadores Conversacionais com empréstimos	20
CAPÍTULO 2 - ANÁLISE DO <i>CORPUS</i>	24
	24
2.1. Análise de tópicos discursivos	
2.2. Distribuição dos turnos.....	28
2.3.Os marcadores conversacionais.....	31
2.3.1. Os encadeamentos dos marcadores conversacionais entre tópico e sub- tópicos	35
CAPÍTULO 3 - A FUNÇÃO DOS MARCADORES CONVERSACIONAIS HA, UPÉICHA, AJA/AJE ENFÁTICOS NO <i>CORPUS</i> ANALISADO	
3.1 O marcador Ha	
3.2 O marcador Upéicha	
3.3. Os marcadores Aja/Aje	
3.4. Os Marcadores enfáticos	
CONCLUSÃO	
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	

ANEXOS

Anexo 01 - Transcrição integral da conversa analisada.

Anexo 02 - Foto Nossa Senhora de Caacupé.

INTRODUÇÃO

Este trabalho norteou-se para a análise de textos orais, em princípio, para a análise de textos de mídia. Posteriormente, devido a sua espontaneidade, foi escolhido o texto em que três falantes do guarani jopará conversam entre si. Delimitou-se então o objetivo da pesquisa, por meio da análise de textos orais: observar como se comportam os marcadores conversacionais no guarani jopará num contexto conversacional.

As pesquisas de campo foram realizadas nos meses de julho de 2004, dezembro, janeiro e maio de 2005, na cidade de Dourados, MS e Pedro Juan Caballero, Paraguai. Várias gravações foram realizadas, tanto de programas de rádio como de conversas espontâneas até que fosse selecionado e definido o objeto de estudo, o texto oral de Francisca Vaez.

As interlocutoras do texto escolhido para análise são: Senhora Francisca Vaez, que trataremos a partir de agora como L1, sua filha Fidelina Baz, L2, e a amiga Ofélia Ortega, L3. A autora deste estudo participou como documentadora, fazendo intervenções eventualmente. O *corpus* de análise encontra-se em anexo.

É importante ressaltar que as interlocutoras há pouco mencionadas e a documentadora têm fluência nas línguas, espanhola, no guarani jopará e na língua portuguesa. A conversa gravada se dá em guarani jopará, variante do guarani em que convergem elementos do espanhol e do português.

A gravação que integra o *corpus* desta análise foi realizada com um gravador portátil e sem microfone, o qual estava nas mãos da documentadora, segurando-o discretamente. A sua presença não chamou a atenção das interlocutoras, embora soubessem que estavam sendo gravadas. Nota-se a presença de ruídos de fundo.

Quanto às particularidades de como se efetuou a gravação, alguns comentários serão importantes para contextualizar o momento da entrevista que a princípio, parecia ser relativamente fácil de se concretizar. No entanto, contradizendo essas expectativas, os obstáculos surgiram.

A recusa de L1 em conceder a entrevista, e seu conseqüente desinteresse ocasionaram uma revisão quanto à postura de pesquisadora. Houve a necessidade de ser mais sensível e observadora para captar o momento oportuno de uma gravação mais espontânea¹. Munida de um gravador manual no momento adequado, no quintal da casa de L1 a entrevista concretizou-se.

As interlocutoras, L1, L2, e eu estávamos sentadas, tomando tereré². O ato de tomar tereré significa, jogar conversa fora sem pressa ou hora de ir embora. Esse é um tempo de descanso, as atividades são deixadas de lado para compartilhar o dia-a-dia. Nesse tempo de descanso, L3 chega à casa de L1, participa da roda de tereré e participa da conversa. Foi nessa descontração que a gravação ocorreu. Interessante observar o aspecto acolhedor da casa de L1. Suas amigas paraguaias a visitam constantemente, os índios de etnia guarani costumam passar em sua casa oferecendo mandioca e milho.

A documentadora é filha de L2 e neta de L1. Os laços consangüíneos proporcionaram uma atmosfera descontraída na conversa. Constata-se reação de riso durante a gravação e a conversa flui espontaneamente.

Não houve uma escolha prévia do tema a ser desenvolvido, por isso os assuntos encadearam-se de modo natural e espontâneo. Falou-se sobre “A guerra do Paraguai”, as regiões do Mato Grosso do Sul”, que já

¹ Várias gravações já haviam ocorrido com outros entrevistados.

² É uma bebida feita com erva mate e água gelada. Utiliza-se uma bomba, semelhante ao do chimarrão, onde todos usam a mesma. É um hábito típico do Paraguai, também já incorporado aos costumes sulmatogrossenses.

pertenceram ao Paraguai, Presidente Francisco Solano Lopez, e sobre Nossa Senhora de Caacupé³ e sobre casos de assombrações.

É importante ressaltar que os assuntos abordados são de grande relevância por se tratar de temas de caráter histórico. L1 conta histórias com sabor e frescor, revelando pormenores pitorescos, não registrados formalmente em livros, a exemplo dos nomes das amantes do Presidente Francisco Solano Lopez.

Segundo Dino Preti (2003:16), o objetivo da análise da conversação é a descrição do comportamento verbal dos interlocutores durante a interação, visando a compreensão de como se processa a organização do ato conversacional. O ato conversacional, especificamente na língua guarani jopará, é estudado por meio da investigação das ocorrências de marcadores conversacionais.

Portanto, o papel exercido desses elementos são investigados nas três posições do turno (inicial, medial, final) e suas funções.

³ Una linda leyenda, que se remonta a finales del siglo XVI, se cierna sobre el nacimiento de este hermoso lugar. Se dice que un indio guaraní convertido al cristianismo, de oficio escultor, era perseguido por una partida de salvajes Mbayaes de los cuales trató de escapar escondiéndose detrás un gran tronco. El indio pidió a la Virgen protección para atravesar el angustioso momento y, tras verse liberado del peligro, talló dos imágenes de la Virgen. Una, más grande, para la Iglesia de Tobatí y la otra, más pequeña, para su devoción personal. Esta última es la Virgen de los Milagros que se venera en la ciudad de Caacupé. Disponível em: google/intgl/. Acesso em: 18 maio 2006.

Organização do Trabalho:

Esta dissertação constitui-se das seguintes partes:

- Introdução - Justificativa da escolha do tema, formulação dos objetivos, constituição do *corpus*, procedimento adotado e organização do trabalho.
- Capítulo I - Metodologia, bases teóricas, as guerras do Chaco e da Tríplice Aliança, o guarani jopará - crioulização e o quadro dos marcadores com mudanças morfológicas em guarani jopará.
- Capítulo II - Análise do *Corpus*, análise dos tópicos discursivos, distribuição dos turnos, os marcadores conversacionais, os encadeamentos dos marcadores entre os tópicos e sub-tópicos no *corpus* analisado.
- Capítulo III - Estudo das funções dos marcadores ha, upéicha, aja/aje e enfáticos no *corpus* analisado e exemplos.
- Conclusão - Observação dos Marcadores conversacionais em guarani jopará e verificação de suas funções e posições mais freqüentes no *corpus analisado*.

1 - METODOLOGIA E BASES TEÓRICAS

As transcrições foram realizadas de fevereiro a maio de 2005. Para a realização desta pesquisa, fundamentalmente do guarani jopará, foi utilizado o método de transcrição do projeto (Nurc)/SP⁴.

- { Indica simultaneidade de vozes.
- / Indica truncamento de palavra.
- () Correspondem às hipóteses sobre o que se ouviu.
- ... As reticências indicam qualquer pausa.
- (()) Indicam fatos extra-lingüísticos.
- [] em itálico. Indicam glosa para tradução.

Segundo Dino Preti (2003:16), o objetivo da análise da conversação é a descrição do comportamento verbal dos interlocutores durante a interação, visando a compreensão de como se processa a organização do ato conversacional. Este, especificamente na língua guarani jopará, será estudado nesta pesquisa, por meio da investigação das ocorrências de marcadores conversacionais MCS como serão tratados de agora em diante. Portanto serão investigados o papel desses elementos nas três posições do turno (inicial, medial, final) e a função por eles exercida.

Para a análise do material gravado, a leitura de trabalhos de Micheal Bréal e Edward Sapir teve destaque especial, pois contribuíram de forma substancial para a compreensão dos processos de mudança das línguas.

⁴ O projeto NURC tem sido de grande relevância para os estudos lingüísticos no Brasil. Castilho (1986:7) afirma que o referido projeto “configura a mais ampla documentação da língua portuguesa culta falada no país”. Para mais informações verificar PRETI, Dino (org). (2003) **Análise de textos orais**. (Projetos Paralelos,1). São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP. Para verificar o método de transcrição ver p.13.

De acordo com Edward Sapir (1980:122), “é excessivamente duvidoso que uma língua possa ser falada numa vasta área sem multiplicar-se dialetalmente”. A mudança é inevitável, não apenas pelo histórico de uma estrutura em constante transformação através do tempo, mas especialmente pelo contato entre línguas diferentes que passam a se influenciar mutuamente.

Um dos fenômenos decorrentes do contato lingüístico seria o *pidgin*, uma língua de emergência que não se trata de uma língua materna de ninguém. É usado como língua de contato entre, por exemplo, indivíduos de comunidades distintas. Ao retornar à sua própria comunidade, os indivíduos, nesse caso, só falam sua língua materna. Seria um processo que precede as línguas crioulas.

Para Couto (2006, *on line*) as línguas crioulas ou mistas, por sua vez, resultam do contato de povos falantes de línguas mutuamente ininteligíveis, passando a ser a principal da nova comunidade. Para alguns autores, crioulos são *pidgins* que com o decorrer do tempo, tornaram-se uma língua materna de uma comunidade. Essa teoria é denominada de nativização. Dessa perspectiva, o crioulo seria um *pidgin* nativizado, logo, um *ex-pidgin*.

Estes fenômenos lingüísticos evidenciam-se em regiões fronteiriças, a exemplo de grande parte da região sul e sudoeste do estado do Mato Grosso do Sul, polarizada pela cidade de Dourados. Em toda essa região como Dourados, combinam-se elementos do guarani, do espanhol e do português.

Micheal Bréal também afirma que a língua passa por transformações, e, não sendo estática, influencia e é influenciada. Os processos de mudança não ocorrem de forma instantânea, o que se evidencia na observação lenta do desaparecimento de algumas desinências ao longo do tempo.

Como nada se faz depressa quando se trata de hábitos seculares comuns a grandes massas de pessoas, as desinências não desapareceram de uma vez nem da primeira vez. Elas começam a ficar incertas, são empregadas com distração, são confundidas umas com as outras (Breal, 1992: 29).

Tais mudanças são muito nítidas no que se refere à língua guarani e suas variantes: jopará, kaiowá e ñandeva presentes no Mato Grosso do Sul, estado onde reside a segunda maior população indígena do Brasil.

Segundo Boccara (1999) *“el mestizaje es um proceso universal, constitutivo de todas las sociedades. Em vez de considerar las distintas etnias actuales como monadas cerradas y separadas, demuestra que tienen una historia llena de rupturas desplazamientos y mezclas”*

É o que se observa no município de Dourados; lugar estratégico de contato lingüístico onde convivem as variantes há pouco mencionadas.

A gravação de um diálogo ocorrido nesta cidade, envolvendo duas crianças de origem guarani e a entrevistadora de origem paraguaia, representa um bom exemplo dessa tendência. As crianças guaranis trabalham no centro da cidade cuidando de automóveis. Pode-se verificar uma convergência entre as variantes jopará e ñandeva. Estas variantes do guarani utilizam-se de empréstimos das línguas em contato. É possível averiguar a presença de empréstimos do espanhol no guarani jopará, e empréstimos da língua espanhola e da língua portuguesa no guarani ñandeva.

Falante A: de origem paraguaia.

Falante B: de etnia guarani.

Exemplo 1: Empréstimos da língua espanhola

A. Estudiá amo?
E você estuda lá?

B. Aestudia
Estudo

Observa-se também a presença de empréstimos da língua portuguesa no guarani ñandeva:

Exemplo 2: Empréstimos da língua portuguesa

A. Mbae nde ejapo?

O que você faz?

B. Cuida carro

Diálogo

Falante A: de origem paraguaia.

Falante B: de etnia guarani.

Local: Dourados, MS.

A. Mbaeichapa pa nde rera? nde rera?

Qual é o seu nome? teu nome?

B. Che rera (hae) Marlison

O meu nome (é) Marlison

A. Malies?

B. Marlison...

A. Ha nde eguereko solo... nde eguereko pe rera guarani... solo Marlison?

Você tem só... você tem nome em guarani...é só Marlison?

A. Solo Marlison?

A. Ha Mo'õ nde eiko?

E onde você mora?

B. Jaguapiru

A. Jaguapiru

A. Nde gusta. ko Dorados?

Você gosta de Dourados?

A. Estudiá amo?

E você estuda lá?

B. Aestudia

Estudo

A. Ha nde sy.. ha nde/ nde tua?

E a sua mãe e seu pai?

A. Ha/ ha nde/ nde etrabaja kóape?

E você trabalha aqui?

B. Kóape

Aqui

A. Mbae nde ejapo?

O que você faz?

B. Cuida carro

Segundo Dino Preti (2003:16), o objetivo da análise da conversação é a descrição do comportamento verbal dos interlocutores durante a interação, visando a compreensão de como se processa a organização do ato conversacional.

É importante para este estudo observar como se comportam os interlocutores num contexto conversacional. A forma do texto oral depende de fatores extralingüísticos, como conhecimento partilhado, grau de familiaridade entre os interlocutores etc. São considerados relevantes os laços familiares e as características individuais de cada interlocutor para a construção do evento da fala. Conforme Ângela Rodrigues, (Preti, 2003:21) o texto é construído “a quatro mãos”, ou “a duas vozes”. A forma do texto oral depende de fatores extralingüísticos, como conhecimento partilhado, grau de familiaridade entre os interlocutores etc.

1.1. As guerras do Chaco e a Tríplice aliança

A formação de uma nova variante implica em um processo sócio-histórico de contato de povos e suas respectivas línguas. Esses processos sócio-históricos são importantes e pré-requisito para a formação da língua crioula. Designação genérica de uma *língua mista*.

A variante jopará resulta da influência do espanhol e o guarani. Tal processo coincide com a própria da nacionalidade bilíngüe do Paraguai,

país cuja história se relaciona às reduções jesuíticas e à lógica de catequização das populações da região platina. Foram denominadas “reduções” esses agrupamentos coordenados pela Companhia de Jesus, no intuito de reunir um grande número de índios, procedentes de diferentes grupos tribais que conviveram em um aldeamento único como se fosse uma mesma tribo. A língua guarani predominou no local e os índios *desaldeados* passaram a se comunicar em guarani, ocorrendo uma espécie de *guaranização*⁵. É possível supor que a grande maioria da população paraguaia seja descendente desses povos agrupados nas reduções.

Posteriormente, no período de consolidação da República do Paraguai, a ocorrência de duas guerras internacionais: Tríplice Aliança (1864 -1870) e a Guerra do Chaco (década de 1930) foi decisiva no processo de elaboração da identidade paraguaia calcada na língua guarani. Em “o significado militar en la Guerra Del Chaco”, esta importância se evidencia:

Mientras tanto el guaraní alcanza una oficialidad a nivel político-militar que supera su importancia durante la Guerra de la Triple Alianza. En mayo de 1933 el Comandante en Jefe Coronel Estigarribia ordena que todas las llamadas telefónicas en campaña se han de realizar exclusivamente en guaraní. Además de servir a fines estratégicos esta práctica también podía tener consecuencias psicológicas. (GOOGLE.COM./INTL/GN), acesso em: 20 jan.2006.

A língua guarani se fortalece no decorrer de ambos os conflitos. Isto se deve ao fato de que, sendo quase totalmente desconhecida pelos exércitos inimigos, seu uso apresentou-se como uma arma fundamental a favor do país. Foi possível veicular informações estratégicas entre os combatentes, ampliando as chances de organização militar da própria população. O que deve ter sido importantíssimo para aumentar – mas não para garantir, como mostra a história - as possibilidades de resistência do Paraguai.

⁵ *Guaranização*, denota aqui, de forma restrita, uma predominância lingüística. Nas reduções jesuíticas o guarani era falado por um maior número de índios, sobrepondo-se então às outras línguas.

O autor (Roberto A. Romero) ainda ressalta que o uso da língua guarani *Establecía una comunicación de carácter paternal entre los jefes y oficiales com sus subordinados- Che ra'y (hijo mio) llamaban al soldado, una relación de Honda compenetración espeiritual y de reciproca confianza, lo que fue um factor de gran importância para el éxito de la campaña guerrera..* (GOOGLE..COM./INTL/GN), acesso em: 21 jan.2006.

Romero lembra ainda que, durante a guerra de 70, a língua nativa, ou seja, o guarani tornava-se pela primeira vez o idioma da defesa nacional, consolidando-se como símbolo da identidade nacional do Paraguai, sendo que o próprio Presidente Francisco Solano Lopez, dirigia-se aos seus soldados em guarani.

Segundo Harald Thun (2006:391), a revista Cacique Lambare, publicada entre 1867 a e 1868, em plena guerra com a Tríplice Aliança, tinha como objetivo fortalecer os combatentes paraguaios por meio da reabilitação de sua verdadeira língua materna.

1.2. Variante jopará - crioulização

Sapir (1980:122) ressalta que:

Velhos dialetos são constantemente suprimidos para dar lugar a dialetos novos. As línguas são passíveis de mudanças em tantos pontos da sua fonética, morfologia e vocabulário, que não é de se surpreender que uma vez rompida a comunidade lingüística, haja um irradiamento em várias direções.

Há indícios de que já nas reduções jesuíticas esse irradiamento tenha ocorrido com guarani. No intuito de garantir a eficiência da catequização, os jesuítas já veiculavam sua comunicação nessa língua indígena predominante. Observa-se, inclusive, a presença de vocábulos hispânicos nos textos religiosos redigidos em guarani, datados do século XVIII. Como nos exemplos a seguir:

Neipe cumpli que los mandamientos de la Ley de Dios, porque pecumpli ramo, peñe condename a los infiernos.
[Cumpram os mandamentos de Deus porque senão o cumpris os condenareis ao inferno]

(Cardell 1758/1900, Declaração de la verdad, Buenos Aires, em: B. Meliá 1992:59 apud Harald Thun).

Pai Nosso

Tou'nde Reino y ore moarukái ume jepé tentação pupe.
(Anchieta)

Tour nd Reino y ore moarú carumé yepe tentação pupé.
(Catecismo de Araújo)

Tou ndereco marângatu orebe y eypotareme angaipa pipe oreá
(Bolaños)

[Venha ao nosso Reino e nos livrai da tentação]

Do Século XVIII a tradução ao Guarani de “La conquista Espiritual” de A. Ruiz de Montoya apud Harald Thun percebe-se a palavra ano em espanhol

Aba reta y caray eỹ haccue tupã upe ynemboaguivje uca hague Pay de la comp. A de IHS poromboeramo ara cae P. António Ruiz Icaray eỹ baé mongetaipi hare oiquatia caray neẽ rupi año 1733 pipe. Idibid.

Harald Thun (2006:380) faz um estudo sobre os textos religiosos e textos dos indígenas escritos depois do tratado de Madri e desterro dos Jesuítas. Segundo o autor, o texto de inscrição funerária que comemora a batalha de Caaybate, datada de 1750, contém vários hispanismos, como por exemplo: “corregidor”, “sábado”, “soldados”, “cruz”, Don Miguel Moyriby⁶.

De acordo com Suárez e Suárez, (1964:7) a língua nativa de fato coexistia com o espanhol há mais de quatro séculos, assim a possibilidade de que o espanhol dos jesuítas tenha influenciado a língua guarani é bem provável. Ambas sofreram influências significativas, resultando em uma nova variante: o guarani jopará. Conforme o exemplo, torna-se perceptível o empréstimo do espanhol no guarani, característica própria do processo de crioulização⁷.

⁶ Sin señalar el sitio donde se encuentra la inscripción. Para M.A. Morínigo se trata del „documento más antiguo“ de los cabildos indígenas. Las cartas conservadas en Madrid que hemos interpretado arriba, la preceden de tres años. 30 Publicada en F.J. Brabo, 1872, *Colección de documentos relativos á la expulsión de los jesuitas de la República Argentina y del Paraguay, en el reinado de Carlos III* [...], Madrid, p. 101-106, con traducción al castellano.

⁷ Crioulização: Processo resultante do contato linguístico entre duas línguas, resultando em uma outra variante. O guarani jopará é resultante do espanhol e guarani.

Exemplo de empréstimos do espanhol no guarani jopará

Amanota **de quebranto** yvyrami **jaula** pe guaicha.

1p/ morrer/ vou de preocupação passarinho jaula como.

Vou morrer de preocupação como passarinho enjaulado.

Porque nda rekoi **consuelo ingrata paloma blanca**.

Porque não tenho consolo ingrata pomba branca.

(verso de música tradicional do Paraguai)

A influência do espanhol e do português no guarani jopará explicita-se em particular por meio de empréstimos lexicais. Em decorrência do contato entre essas línguas é possível perceber a presença de empréstimos e algumas simplificações morfológicas no MCs, objeto desta pesquisa.

Na frase **en seguidama**, a expressão **en seguida** é proveniente do espanhol que se combina com **ma** um sufixo próprio da língua guarani. A expressão **por causa** combina-se com o sufixo da língua guarani **ike**.

Nos quadros a seguir, observamos mais alguns empréstimos nos marcadores do guarani jopará:

Marcadores Com Empréstimos

Quadro 01

Língua de origem	Guarani	Guarani	Espanhol	Espanhol
Expressão	Ha	Upei	Otra	Ve
Tradução	Depois	Outra	Vez	

Quadro 02

Língua de origem	Português	Português	Guarani	
Expressão	Por	Causa	Ike	
Tradução	Conjunção	Conjunção	Sufixo final	

Quadro 03

Língua de origem	Guarani	Espanhol		
Expressão	Ha	Cierto		
Tradução	E	Certo		

Quadro 04

Língua de origem	Guarani	Espanhol		
Expressão	Ha	Entonce		
Tradução	E	Então		

Quadro 05

Língua de origem	Espanhol			
Expressão	Pero			
Tradução	Conjunção: mas, e			

Quadro 06

Língua de origem	Português	Português	Português	Português
Expressão	Por	Causa	De	Que
Tradução	Por	Causa	De	Que

Quadro 07

Língua de origem	Português			
Expressão	Porque			
Tradução	Porque			

Quadro 08

Língua de origem	Guarani	Guarani	Espanhol	Espanhol
Expressão	Ha	Upei	En	Seguida
Tradução	E	Depois	Em	Seguida

Quadro 09

Língua de origem	Guarani	Espanhol	Guarani	Guarani
Expressão	Ha	Suerte	che	ama
Tradução	E	Sorte	minha	querida

2. ANÁLISE DO CORPUS

2.1 Análise de tópicos discursivos

A conversação pode ser concebida como uma atividade construída cooperativamente, pois há uma correspondência de objetivos entre os interlocutores. Define-se como *tópico discursivo* “aquilo sobre o que se está falando”, de acordo com Brown e Yule (1983:73). Segundo Fávero, “o *tópico é um elemento estruturador da conversação, pois os interlocutores sabem quando estão interagindo dentro de um mesmo tópico, quando mudam, cortam, retomam ou fazem digressões*” (2005:37). Devido à sua importância na organização do texto oral, convém observar a distribuição dos tópicos na conversa em análise. Embora não seja o foco desta pesquisa, a distribuição dos tópicos será útil para a organização da análise dos MCs.

1 voi	<p>L1. Upepe'ko ojepovoa ai...eh heta gente oi upepe Cerro Cora pe...pe Cerro pe</p> <p>L2. {pueblo eh ãga</p> <p>L1. {eh heta gente oi upepe</p>
5	<p>Doc {amo Cerro Cora?</p> <p>L1. Eh Cerro Cora pe...pe Cerro re ojere...Cerro Cora pe voi ha:: reikuaapa mbaepa rera Cerro cora upea? La Marical lope upengo ou ojevý jey ha koa:: ko'apengo Paraguai paite akue</p> <p>Doc. (hum...hum...)</p>
10	<p>L2. Rio Brillante pe gue... 'até Rio Brillante...'</p> <p>L1. {Ha entonces Rio Brillante entero Paraguai akue ha'e operde ha'e... ha oñembou...ou...ou hina ha upei:... amo ultimo la Cerro Cora pengó hae...o::... ojejúkata ha upepe no () hei chupe entrega la nde bandera ha::... o sino reije/ remanota he'i chupe ha::...che yuka ha nda/ nda</p>
15	<p>entregai mōaĩ la che bandera</p> <p>L2. {ha ho'u la ibandera...</p> <p>L1. {Ha ho'u la ibandera ha upéicha rupingo ha'e la... ojefesteha py [e comeu a sua bandeira... e comeu a sua bandeira e por isso ele foi festejado].</p>
20	<p>L2. Hum...</p> <p>L1. upéicha rupingo ha'la oguereko la gloria por causa ike... no entregai la ibandera</p> <p>L2. {upeí iva /valiente</p> <p>L1. Marical chevy Marical rire Marical chevy hei () mamopa oime rehasa</p>
25	<p>ará...nde</p> <p>L2. {hum</p> <p>L1. ko Paraguai mombeu py/ mombeu pýra he'i...</p> <p>L2. {hum...</p> <p>L1. No entregai pe ibandera odefende (o) Paraguay</p>
30	<p>L2. Ha cierto</p> <p>L1. {Cierto ite...</p>

O super-tópico "Guerra do Paraguai" é desenvolvido, distribuído em tópicos: 1 - território geográfico que pertencia ao Paraguai, tópico 2 - Presidente Francisco Solano Lopez. Os sub-tópicos: conquistador-herói, relacionamento com soldados, relacionamentos com as amantes, são

desenvolvidos até a linha 19. Neste trecho L1 e L2 interagem embora L1 desenvolva turnos inseridos, percebe-se neste trecho, que L1 sugere os tópicos caracterizando a conversa como assimétrica.

a) Super-tópico: Guerra do Paraguai: Para o texto da dissertação, deverão ser inclusos os trechos do diálogo.

Tópico 1: Território geográfico que pertencia ao Paraguai.

Tópico 2: Presidente Francisco Marechal Solano Lopez

- **Sub-tópicos:**

- 1- Conquistador- herói
- 2- Relacionamento com soldados
- 3- Relacionamento com amantes

Tópico 3: Episódio queda e pé machucado

b) Super-tópico: Promessas

Tópico 1: Pagamento da promessa à Nossa Senhora de Caacupé

- **Sub-tópicos:**

- 1- Pagamento feito à cavalo e quase a barriga rasgou.
- 2- De carroça que caiu em uma valeta.

3- Promessa das pombas, tradição que gradativamente acabou.

4- Faz promessas em casa até hoje.

Tópico 2: O motivo da promessa

- Sub-tópicos:

1- Hermafroditismo.

2- Súplica da mãe para a virgem de Caacupé.

3- Sonho com a virgem de Caacupé.

4- Realização do milagre (obtenção da graça).

Tópico 3: Supostas consequências do não pagamento da promessa:

- Sub-tópicos:

1- O pé machucado

2- O adoecimento da avó

- Sub-sub tópico:

1- Causa do adoecimento da avó

2- Encontro da mãe com a avó

3- Notícia da morte da avó

2.2 Distribuição dos Turnos

Turno é a produção de um falante enquanto ele está com a palavra, incluindo a possibilidade de silêncio. A alternância dos interlocutores ocorre na conversação, isto é, os participantes revezam-se nos papéis de falante e ouvinte. Nessa perspectiva, caracteriza-se a conversação como uma sucessão de turnos, compreendendo-se por turno qualquer intervenção dos participantes (tanto as intervenções de caráter informativo, quanto breves sinais de monitoramento, como: ahn, ahn; sei; certo) durante a interação”. (Fávero, 2005:35).

Assim como os tópicos, a observação dos turnos conversacionais é fundamental para o estudo dos MCs, uma vez que a passagem de turno conta geralmente com a presença de marcadores.

Turnos de L2:

Turno referencial: Brillante pe gue...

Turno inserido de consentimento: Hum

Turno nuclear: E lá o Marechal Lopez...não foi o Marechal Lopez que matou os soldados?

{o::....

Turno nuclear:{Ha upe la (irevycuña)

Turno nuclear: Mbaere?

Turno nuclear: ha la Malamalincha piko ha'e ikuñante ko mbae?

'e a Malamalincha era a mulher dele ou o que'?

Turno nuclear: (ta) upeari iñakavai piko? ' (E) [Por ela ele apaixonou-se'?)

Turno inserido (repetição). Malavision

Turno inserido reforço. Mama ohecha. 'mamãe viu'.

Turno inserido reforço. Hae ohecha. Ela viu.

Turno inserido de repetição de palavra, mas substitui a palavra tarjita para taula {Hum...taula...taula

Turno nuclear: Por que nde ñe acostumbra la ivy reke ajá? auxilia no desenvolvimento do tópico.

Turno nuclear: Mãe ha pe nde promessa ra paga haguã re manduá? [Mãe, e aquela sua promessa de que você iria pagar. Lembra?] L2 sugere o tópico sobre promessas.

Turno nuclear: No, Silvio gui... che ahecha upea. L2 discorda da informação de L1.

Turno inserido : hë...

Turno nuclear {Ha upepe nda ha'ei (kaape) nde paga nde promessa? sugere o desenvolvimento do tópico promessa, acrescenta informações.

Turno inserido : Ha ojapo roga pe... 'E fez na casa...'

Turno nuclear: ha upe nde epaga hape nde promessa...sugere outra informação.

Turno nuclear ou **inserido** re...: Palomita heta palomita

Turno inserido concordância: opa, oho, opa paite

Turno inserido repetição: Orqueta pe

Turno inserido reforço: ha che abuela ombeu cheve

Turno nuclear ou **inserido** referencial: Ha upei o abri.. aguela che ombeu...oabri ha otopa sano y bueno no rekoi peteĩ.

Turno nuclear ou inserido referencial: L2 discorda de L1, No na
haei mãe

Turno nuclear ou inserido referencial: nda haei mãe nente re
pensa... ha upea lo que e mbaepa heise la fe... che abuela fe ()
ha che che abuela...

Turno inserido concordância: Hum...itriste

Turno inserido de reforço/ concordância: a abuela da minha mãe

2.3. Marcadores Conversacionais

Denominam-se marcadores conversacionais os vocábulos ou expressões estereotipadas, quase sempre desprovidas de valor semântico e de papel sintático, que funcionam como elementos de interligação para os vários segmentos do discurso (Preti e Marcuschi, 1987: 3). Castilho (1986:38), por sua vez, refere-se a eles como operadores conversacionais, pois se trata de “execuções verbais esvaziadas, às vezes, de conteúdo e de papel sintático, porém indispensável na tarefa de engajamento de uma conversação, na sua manutenção ou no seu encerramento”.

Marcuschi (1987:1) ressaltou que os Marcadores Conversacionais “operam simultaneamente, como organizadores da interação, articuladores de texto e indicadores de força ilocutória” (1989: 282). Esse caráter multifuncional foi também observado por Castilho (1989: 273-274), que admite que todos os marcadores conversacionais – denominados *marcadores discursivos* – exercem, genericamente, uma função textual, à medida que organizam e estruturam o texto.

Para Andrade (1990:101), os Mcs também podem ser considerados como “conectores interativos e não só conectores textuais”. Em Castilho (1989:273-274) e Fávero (2005:46) há concordância de que os marcadores conversacionais são de extrema relevância para a coesão e coerência de um texto oral e de que exercem, genericamente, uma função textual, na medida em que organizam e estruturam o texto.

Isso demonstra um certo consenso entre os autores citados. Perspectiva ainda reforçada por Urbano (1993:85-86):

(...) os marcadores ajudam a construir e a dar coesão e coerência ao texto falado, especialmente dentro do enfoque conversacional. Nesse sentido, funcionam como articuladores não só das unidades cognitivo-informativas do texto como também dos seus interlocutores, revelando e marcando, de uma forma ou de outra, as condições de produção do texto, naquilo que ela, a produção, representa de interacional e pragmático.

Pode-se dividir os MCs em três tipos: verbais, não-verbais e supra-segmentais. Os marcadores verbais constituem “um variado e importante conjunto de partículas, sintagmas, expressões estereotipadas e orações de diversos tipos” (Marcuschi, 1987:7). Já os elementos prosódicos e não-lingüísticos constituem os marcadores de tipo não verbais (Andrade,1990:90). Os marcadores supra-segmentais, como entonação etc, são de natureza lingüística, porém não apresentam caráter verbal, por não interferirem diretamente na estruturação sintática do texto. Marcuschi (1986:71) enfatiza que os MCs podem ser produzidos tanto pelo falante como pelo ouvinte. Portanto:

os marcadores do falante consistem em sustentar o turno, dar tempo à organização do pensamento, nomear e referir ações, monitorar o ouvinte, marcar comunicativamente unidades temáticas, indicar o início e o final de uma asserção, dúvida ou indagação, avisar,antecipar ou anunciar o que será dito, eliminar posições anteriores, corrigir-se reorganizar e reorientar o discurso, etc.

Também segundo o próprio Marcuschi, os marcadores do ouvinte podem ser produzidos durante o turno do falante, às vezes em sobreposição de vozes, servindo para orientar o falante e monitorá-lo quanto à recepção da mensagem. Já os marcadores do ouvinte podem animar o falante; fazer com que ele se reformule; mudar o tópico; encorajar o falante; desencorajá-lo.

Segundo Gallembek (1996, *on line*) trata-se da ausência de uma etapa nítida de planejamento; a existência de um espaço comum partilhado entre os interlocutores; o envolvimento dos interlocutores entre si e com o assunto da conversação são características fundamentais para construção do texto conversacional. Os elementos que o permeiam assinalam as relações interpessoais de envolvimento entre os interlocutores. O que serve para situar o tópico ou assunto da conversação no contexto partilhado pelos interlocutores e, ao mesmo tempo, no contexto pessoal de cada um deles. Finalmente, articulam e estruturam as unidades da cadeia lingüísticas.

Os estudos de Said Ali (1930:51) já vislumbravam, em suas considerações, especial atenção aos Mcs. As *expressões de situação*, por ele ressaltadas, correspondem atualmente aos marcadores aqui apresentados. O autor justificava-se afirmando que “seria contrasenso, uma vez que rareiam no discurso eloqüente e rhetorico e se usam a cada instante justamente no falar desativado de todos os dias.” (ibdim). Destaca ainda que:

(...) uma cousa é dirigirmo-nos à collectividade, a pessoas desconhecidas, de condições diversas, e que nos ouvem caladas; outra cousa é tratar com alguém de perto, falar e ouvir e ageitar a cada momento a linguagem em atenção a essa pessoa que está diante de nós, para que fique sempre bem impressionada com as nossas palavras (ibdim).

Em continuidade, Said Ali considerou as situações possíveis entre locutor e interlocutor, estudou os marcadores ‘mas’, “então”, “agora”, “sempre”, “felizmente”/infelizmente”, “não é”. “pois é”, “pois vá lá”, “pois sim”, “pois não”, “pois”, “pois se”, “olhe/olha/olhem”, “que quer/que quer que eu faça”, “você sabe”, “sabe de uma cousa”, “verdade/ verdade é que’,”se”, “porque não?” e “como”. Tendo em vista essa diversidade, suas observações representaram grande avanço dos estudos da língua oral.

Segundo Eliane Gonçalves (2000:45), os estudos de Said Ali são pioneiros há setenta anos, pois, suas análises da oralidade se aproximavam muito das que hoje realizamos. Aquelas “expressões de situação” são hoje chamadas de marcadores conversacionais e seu trabalho foi o ponto de partida para os estudos de muitos pesquisadores.

De acordo com Marcuschi (1991:61), no que diz respeito às unidades sintáticas, seu emprego na análise da conversação e na língua escrita comportam-se de formas distintas. As unidades obedecem a princípios comunicativos para sua demarcação e não a princípios meramente sintáticos. As relações estruturais e lingüísticas fazem-se presentes entre a organização da conversação em turnos (marcados pela troca de falantes) e a ligação interna em unidades constitutivas de turno. Os marcadores do texto conversacional podem ser específicos e com funções tanto conversacionais como sintáticas.

Uma outra subdivisão é feita pelos autores, Andrade (1990:90) e Marschusi (1987:7). Trata-se de dois grandes grupos conforme sua fonte de produção: a) sinais do falante; b) sinais do ouvinte. Por outro lado, quanto a funções específicas, cada qual pode ter: c) funções conversacionais; d) funções sintáticas. Além disso, eles podem vir em várias posições dentro do turno ou na seqüência dos turnos. Em relação às funções conversacionais, eles podem ser considerados sob dois aspectos “os Mcs podem ser produzidos tanto pelo falante como pelo ouvinte” (ANDRADE, 1990:90; MARSCHUSI 1987:7)

Para Urbano (1992: 371):

a multifuncionalidade dos Mcs dificulta a sistematização da delimitação tópica, exatamente por não exercerem uma função de caráter permanente e exclusivo, eles podem aparecer em situações textuais outras diferentes da delimitação tópica. Um exemplo característico em português é o marcador “então”, que abre vários tópicos, mas aparece também, em outros pontos.

Constata-se então, que a posição dos marcadores não é fixa, ou seja, este MC pode aparecer em diferentes posições; eu acho que (inicial e medial); não é? (medial e final). Essa propriedade decorre do caráter multifuncional dos MCs.

Gallemebeck & Carvalho (1996, *on line*) classificam os marcadores verbais da seguinte maneira:

- 1. Iniciais:** “não, mas, acho que, não é assim”, caracterizam o início ou a tomada de turno. Segundo os autores de modo geral, os marcadores “eh, oh, ah, bom, pois é”, assinalam exclusivamente a tomada de turno.
- 2. Mediais:** “né?, sabe?, entende? digamos, advérbios, conjunções, alongamentos“ (2), que são responsáveis pelo desenvolvimento do turno.
- 3. Finais:** “né?, não é?, entendeu?”, perguntas diretas, pausa conclusa, que assinalam a passagem implícita ou explícita do turno.

Para Urbano (1992:374) os marcadores conversacionais mais comumente encontrados em pontos de delimitação tópica seriam:

Começo ou inicial: “agora, então, realmente, depois, depois disso, ainda agora, e aí, e às vezes, e tem outro problema, e tem outra coisa, e ainda mais porque, e tem mais, e depois então”.

Final ou fecho: “Não é?, né?, enfim..., quer dizer”.

2.3.1 Os encadeamentos dos marcadores entre tópicos e sub-tópicos

As reflexões a serem desenvolvidas, a respeito de língua falada, terão como ponto de partida algumas questões sugeridas pela conversa entre três informantes. Como já foi mencionado, trata-se do inquérito entre mãe, filha, e amiga; três senhoras de origem paraguaia. Elas conversam sobre “A Guerra do Paraguai”, “as regiões do Mato Grosso do Sul” que já pertenceram ao Paraguai, a coragem, o heroísmo, a tirania, a crueldade e os casos amorosos do Presidente Francisco Solano Lopez (e a influência destas mulheres sobre ele); os casos de assombrações, o milagre de Nossa Senhora de Caacupé (ver anexo 2), o pagamento da promessa no decorrer da vida da senhora Francisca Vaz e a morte de sua avó. São conversas realizadas no decorrer da gravação.

Nota-se que, ao contar suas histórias, L1 as encadeia por meio dos marcadores, fundamentais para a organização e seqüência da fala. L1 alinhava as suas conversas encadeando-as em uma seqüência linear e coerente. Os MCs então assumem uma função relevante no sentido em que operam simultaneamente, conforme ressalta Marcuschi (1987:1) como organizadores e articuladores de texto.

Segundo Fávero (2005:46), os marcadores articulam os textos, encadeando-os de modo coeso e asseguram o desenvolvimento continuado do discurso. São os MCs responsáveis também pela

organização hierárquica do texto, funcionando como elementos de coesão entre os tópicos que se apresentam verticalmente, durante a elaboração do texto falado. Ao encadear um texto de forma coesa, os marcadores também o segmentam.

Os MCs têm funções multifuncionais. Esse caráter multifuncional foi também observado por Castilho (1989:273-274), em que autor admite que os todos os marcadores conversacionais (por ele denominados marcadores discursivos) exercem, genericamente, uma função textual, à medida que organizam e estruturam o texto.

Fávero (2005:51) ressalta que os falantes comumente recorrem à formulação de perguntas com o intuito de iniciarem uma conversação. Além disso, ocorrem perguntas quando se introduzem novos supertópicos. As perguntas diretas foram utilizadas para que pudessem ocorrer os encadeamentos entre os super-tópicos e tópicos e sub-tópicos. A passagem do super-tópico 1, território geográfico que pertencia ao Paraguai, ao tópico 1, Presidente Francisco Solano Lopez, foram realizadas por meio de perguntas. Pode se observar que na linha 5 que o super-tópico sobre o Presidente Francisco Solano Lopez é introduzido por L1 através da pergunta: reikuaapa mbaepa Cerro Cora upea? *[E você sabe porque o nome de Cerro Cora.*

Passagem Super-tópico: Guerra do Paraguai:

Tópico 1: Território geográfico que pertencia ao Paraguai.

Tópico 2: Marechal Solano Lopez

Trecho:

- 1 **L1.** Uepepe'ko ojepovoa ai...eh heta gente oi upepe Cerro Cora pe...pe Cerro pe
voi
 L2. {pueblo eh ãga
L1. {eh heta gente oi upepe
- 5 **Doc** {amo Cerro Cora?
- L1.** Eh Cerro Cora pe...pe Cerro re ojere...Cerro Cora pe voi ha:: reikuaapa
mbaepa rera Cerro cora upea? La Marical lope upengo ou ojevy jey ha koa...
ko'apengo Paraguai paite akue
Doc. (hum...hum...)
- 10 **L2.** Rio Brillante pe gue... 'até Rio Brillante...'
L1. {Ha entonces Rio Brillante entero Paraguai akue ha'e
operde ha'e... ha oñembou...ou...ou hina ha upei:... amo ultimo la Cerro Cora
pengo hae...o:::...
-

Glosa:

1. L1 [*ai povoou-se muita gente tinha lá em Cerro Cora... em Cerro Cora mesmo... e
tinha muita gente lá mesmo*]
L2. [*eh povoamento agora...*]
L1. [*eh muita gente tem agora*]
[*Doc. Lá em Cerro Cora?*]
5. L1. [*Eh... Em Cerro Cora ele deu a volta em Cerro Cor mesmo e voe sabe o porque
do nome Cerro Cora?*] O Marechal Lopez este vinha e voltou de novo e aqui...
aqui era tudo Paraguai
L2. [*Até Rio Brillante...*]
-

Como uma contadora de histórias, L1 lança mão de todos os recursos de função fática para envolver as ouvintes, L3 e L2. Ex: **voi**, [**mesmo**], **upengo**, **A la cuenta**, **Che ama**, **haema nde**, **ha upepe**, **Che ama** são algumas das funções fáticas presentes no texto.

Percebe-se que L1 constrói o texto, utilizando os elementos coesivos – conjunção **ha** [e] – e seus compostos, **ha upepe**, **ha upei**. Para concluir o assunto, L1 emprega o marcador conversacional **upéicha**

rupingo [dessa forma], acrescido da partícula **ngo** final, com valor enfático junto ao marcador **por causa ike**.

Neste trecho observa-se, junto à linha 32, que L1 esgota o assunto sobre o episódio de Presidente Francisco Solano Lopez ter comido a bandeira do Paraguai. Na linha 33, observa-se a concordância de L2 por meio do MC: **Ha cierto** [e certo]. Este tópico finaliza-se por um assalto ao turno de L1, com o MC inicial **cierto ite** [muito certo].

Trecho 1:

- 20 **L2.** Hum...
 L1. **Upéicha rupingo** ha'la oguereko la gloria por causa ike... no entregai la
 ibandera
 L2. {upeí iva /valiente
 L1. Marical chevy Marical rire Marical chevy hei () mamopa oime rehasa
25 arã...nde
 L2. {hum
 L1. ko Paraguai mombeu py/ mombeu pýra he'i...
 L2. {hum...
 L1. No entregai pe ibandera odefende (o) Paraguay
30 **L2.** **Ha cierto**
 L1. {**Cierto ite...**
-

Passagem: Do sub-tópico 1 ao sub-tópico2-Relacionamento com soldados

O sub-tópico, relacionamento com os soldados, ocorre por meio de uma pergunta:

Trecho 2:

L2. Ha upepe la marical eh:...mariscal Lope piko mae/ ? la:... no nda haei Marical Lope/ Marical Lope la ojapo umi tahachi pe oraha uno heta tahachi ha...ojapo la yvykua ha

Glosa:

[e lá o Marechal eh:... marechal Lope mesmo mãe/? o:... não é o Marechal Lope/ Marechal Lope o que fez aqueles soldados e levou uns tantos soldados e ...]

Observam-se dois marcadores o que inicia a pergunta **ha upepe** [e lá] e o marcador **piko**, em posição medial, tem função de reforçar a pergunta do falante. O marcador **piko** teria o valor de **mesmo**, com sentido de reforço.

Passagem sub-tópico 2 ao sub-tópico 3- relacionamento com amantes

Observa-se na linha 35 que a passagem dos sub-tópicos há pouco mencionados ocorrem por meio de assaltos aos turnos e simultaneidades de vozes.

Trecho 1:

-
- 35 **L1.** {e claro... omotỹ la oro ha oyuka paité la tahachi Haengo...haengo ojapo hetaiterei mbae...
L2. {o:::
L1. {ha'e ñande ko la (aipo?) un tal De Pancha Gamendia peteĩ kuñane porãva...kuña porã...
- 40 **L2. Ha upe** la (i revy kuña)
L1. {ëh iñamante ha ojukauka...ojukauka omombo yvykua pe...
L2. Mbaere?
-

Glosa:

[L1. {Ele...ele fez muita coisa...

L2{o:...:

L1.{ele dizem que uma tal Pancha Gamendia uma mulher bonita muito bonita...mulher bonita...

L2. E essa era sua mulher?

L1 {hum....sua amante e a matou...a matou e jogou em buraco

L2. Por quê?]

Passagem do sub-tópico 3 - relacionamento com amantes ao tópico 3 episódio sobre assombração:

Dois super-tópicos principais e um tópico intermediário fazem a passagem de um tópico de caráter histórico a outro de caráter pessoal de L1. Essa mudança ocorre a partir do momento em que L2 e L3 afirmam desconhecer a história do suposto assassinato de Pancha Garmência a mando de Malamalincha, exemplo 56 e 57, outra amante do Presidente Francisco Solano Lopez. O conhecimento não partilhado sobre o assunto parece ser o motivo do desinteresse de L2 e L3 em prosseguir ou desenvolver o tópico.

Quanto à passagem de turno, esta é consentida, L2 diz desconhecer o assunto, exemplo linha 57, e concede a passagem de turno a L1 na tentativa de dar continuidade ao tópico. Ocorre a simultaneidade de vozes entre L3, L2 e L1 como se verifica no trecho 1, nas linhas 60,61e 62.

Trecho 1:

- 55 L2. (Ta) upeari iñakavai piko?
L1. Iñakavai...ha la Pancha Garmência... ha'e la ojukauka la Pancha Garmência pe...
L2. Che ndai kuaai upei...
L1. A la cuenta kuña nde porãva ko he...
- 60 L3. {Chengo na che manduai
L2. {Hum ()
L1. {porã...iporã...ha upeingo lo
mbeuta nde la ayu la a asê la karai roga gui...ahasa la laguna... ha pe laguna
gui ahecha la osê la osea...
-

Glosa:

[L2.E por ela apaixonou-se mesmo?

L1. Se apaixonou..e a Pancha Garmência... ela é que mandou matar a Pancha Garmência...

L2. Eu não sei disso..

L1. Minha nossa mulher bonita he...

L3. Eu não me lembro

L2. Hum...

L1 Bonita...era bonita... e depois vou contar para você quando eu vinha e saí da casa de um senhor... passei na lagoa...e lá da lagoa eu vi oque saiu...saiu...]

A passagem ao tópico sobre o episódio de assombração ocorre por intermédio do MC: **Ha upeingo lo mbeuta nde [e depois vou contar para você].**

É importante observar que tais histórias de assombrações fazem parte do código lingüístico de L3 e L2. Esta crença em fantasmas vem dos tempos da Guerra contra a Tríplice Aliança, Segundo as próprias interlocutoras, os locais onde ocorreram os combates foram assombrados pelos mortos da Guerra.

Adiparango, chengo, ijyvatengo, são algumas expressões utilizadas por L1 com intenção de dar ênfase e envolver as ouvintes. As palavras adipara [corri], Che [eu],ijyvate [alto] estão acrescidas da partícula final **ngo** parecem adquirir uma função enfática, como se pode observar no trecho abaixo.

Trecho 1:

L1. {porã...iporã...ha upeingo lo
mbeuta nde la ayu la a asẽ la karai roga gui...ahasa la laguna... ha pe laguna
gui ahecha la osẽ la osea... ha osẽ che segui...che segui adiparango haengo pe
65 che cota upéichama oñecaramata cherehe

Glosa:

L1.[Bonita...era bonita... e depois vou contar par você quando eu fui e sai da casa de um senhor...passei pela lagoa... e da lagoa vi algo que saiu e saiu...e saiu me seguiu...corri...corri ele parecia nas minhas costas assim ia se agarrar em mim...era alto...alto já te falei... fui...corri...corri...]

Trecho 2:

ha upei otra ve:... che aha voi la baile ha pe la pyharekue upéicha la che ño
chengo nda/ che nda che juntai guasui voi...
75 ha:... oi la paraiso upéicha... umi paraiso rapo kue...upéicha ya guapy... porã
hi'ari pe...ha aha pe upero pete ... aha atopa... peteĩ oñeñaka koa oh...koa ko i
oyoká ko i...

Glosa:

[E depois outra vez:... eu ia mesmo ao baile ao anoitecer asssim eu não eu nao/ não me juntava muito mesmo...e :... tinha um paraíso assim...essas raízes de paraíso...assim prá sentar...bem encima deles.. e.fui ali por perto...fui encontrei...um de cabeça amarrada aqui...oh...aqui...amarrava as/]

O tópico assombração é compartilhado por L3 e L2, porque o assunto as interessa. L1 as envolve e faz o encadeamento com o MC **Ha upei otra ve** [e depois outra vez]. Isso ocorre entre os casos de assombração da lagoa e a aparição de um fantasma com a cabeça enfaixada.

O assunto transcorre inebriando as ouvintes L3, L2 e a Doc. As intervenções das interlocutoras L2 e L3 ocorrem duas vezes de forma simultânea com assaltos aos turnos que não se dão com indício de tomada de turno, eles ocorrem para expressar surpresa, reforçar a fala de L1 como pode se verificar no trecho acima.

Encadeamentos do sub-tópico: queda e pé machucado

O encadeamento ocorre por meio do MC **Ha otro upeikatu**, L1 diz que se acostumou a dormir no chão e por esse motivo estranhou a cama e virou o pé. Observa-se que a passagem é consentida por L1. Os marcadores **ha** estão presentes em maior proporção em posição inicial, como se verifica nas linhas 98 e 102. Em especial nas linhas 98 e 100 observa-se que o marcador **ha** surge de forma composta: **ha otro upeikatu** [e depois outro] em posição inicial e **ha upei** [e depois] em posição medial.

Trecho 1:

	L1.Ha otro upeikatu aiko la kuñakarai roga akeara la yvype pe
	L2. Hum
100	Ha la kuñakarai oke la tupa pe ha upei ou la ro'y ro'y... ro'y (risos)
	L1. Ha hei la kuñakarai) eyuna ña Francica eke ko ichepyguyto hei che... porque roy etereingo ha la... pisongo la pe madera...{tarjita...}
	L3. {hum...hum
105	L2. {hum... taula...taula...

Glosa:

L1. *[E depois outra vez morava na casa de uma senhora tinha que dormir no chão*

L2 . *Hum*

L1. *E a senhora dormia na cama e depois veio o frio... frio...frio*
(risos) E disse a senhora...venha dona Francisca durma aqui perto de mim...falou para mim...porque estava frio demais e o piso era de madeira...maderinha}

No trecho abaixo, verifica-se a presença do um marcador **aje/aja**⁸ que tem significado de: “verdade?”, “né?” e “não é?” aparecem em enunciados interrogativos, funcionando como controlador da atividade interativa. A sua presença parece ser mais comum em posição final, exemplos na linha 113. No entanto podem surgir em posição medial. Para Gallemebeck (2000, *on line*), os marcadores em posição medial podem ter a função subsidiária de marcar a opinião dos próprios locutores. Em certos casos, o falante os emprega e continua a desenvolver suas idéias, sem se preocupar em passar o turno. É o que se observa no exemplo da linha 95,102 e 180.

Trecho 2:

L1. Ha hei che... ejuna ña Francica eke ko pyguyto... bueno hae chupe...ha...la aké ipyguyto ha upei omêẽ che petei che akuarusé **aje**? apũã upei che aimoa che la yvype pe jeynte arova upéicha la che py ha aha

110 ajepyjerei la tupa ha aipireo koa aipea paite peicha...apyta hae mande uno tre mese ndaikatuvei aguata...

(risos)

L2. Porque nde ñe acostumbra la yvy nde rekê **aja**?

L1. E claro che acostumbra yvy pe ake py **aje**?che aimoa yvype je'y rake

115 apũã arova la che py ha a che ama...ha a mingo...

(risos)

Aje/Aja – verifica-se apenas alternância na vogal final de **e** para **a**, no entanto não se percebe funções distintas, trata-se de um mesmo marcador

Glosa:

L1. *[E disse para mim... venha Francisca durma aqui perto..bem... eu disse para ela...e...
Ao dormir perto dela e depois me deu uma vontade de urinar né? Eu me levantei depois eu
Pensei que estivesse no chão de novo mudei assim o meu pé e fui virei na cama e
Descasquei aqui tirei tudo assim...eu já te falei uns três meses eu não pude andar...]
(risos)
L2. *[Por que você se acostumou a dormir no chão né?]**

Encadeamento do super-tópico: Promessas:

É introduzido com esta pergunta: Mãe ha pende promessa re paga haguã remanduá?

L2. Mãe ha pende promessa re paga haguã remanduá? che che manduá nde rye guasu Silvio ha re jupi la kavaju ari pe ha... (risos)

Glosa:

L2. *[Mãe e a promessa que você tinha que pagar você lembra? Eu me lembro você barriguda do Silvio e você subiu em cima do caval e ...(risos)]*

L2 conduz a conversa relembando fatos da gravidez de L1, de seu filho Silvio, do dia em que L1 montou em um cavalo no sentido oposto, quase caiu e rasgou a barriga.

O encadeamento entre o sub-tópico da carroça que caiu em uma valeta:

Ocorre por meio do Mc **Ha upei katu otra ve**, [e depois outra vez] em posição inicial. L1 retoma o turno através de uma passagem de assalto ao turno. Pode-se observar no trecho seguinte, a ocorrência de simultaneidade de vozes entre L1 e L2 . Observa-se o Marcador **Ha** [e], e **ha upei katu** [e depois] como iniciadores de turno.

Trecho 1:

	L1.	Ha a la rye aimetete o {soro...
	L2.	{hã? (risos)}
130	L1.	{ ha upei katu otra ve che hermano oreraha carroça pe carret/ eh carreta ruguai pe
	L2.	{carrete...carreta mãe...
	L1.	{ Ha la tapengo upéicha:.
	L2.	{carreta
135		

Glosa:

L2. [E a barriga quase rasgou...
L1 eh...(risos) e depois outra vez o meu irmão nos levou de carroça
De carret/ parte de trás da carroça ou (no rabo da carroça)
[L2. {carrete... carreta mãe...
[L1. { e a estrada era assim...
[L2. { carreta ...]

Passagem para o sub-tópico: Promessas das pombas:

Ocorre por meio da pergunta : **Upepe nda haei pe nde paga nde promessa?**

Observa-se neste trecho que L2 inicia o sub-tópico promessas das pombas e por meio da pergunta desenvolve um turno nuclear. Ex: Linha

139 No decorrer da conversa sua participação também ocorre por meio de turnos inseridos de reforço, a exemplo nas linhas: 141. Na linha 143, L2 conduz a conversa relembrando e perguntando a L1 sobre a vez em que foram a um local para pagar a promessa. O MC **Ha** aparece em posição medial, linha 144, em posição inicial nas linhas: 152 e 153. Com isso constata-se a partícula **ngo em upea, olla**.

Nota-se o desinteresse de L1 em prosseguir a conversa, através da expressão: Naiporiveima, *[não tem mais]* dá o assunto por encerrado. Observa-se a ocorrência de simultaneidade de vozes, por um lado L2 deseja continuar o tópico e por outro, L1 tenta encerrá-lo.

Trecho 1:

-
- 140 L2. {Upepe nda haei ka'a pe nde paga nde promessa?
 L1. {Hẽ... hae apaga...
 L2. {Upe Kaacupe pe hae siempre opaga againtepegua
 L1. {hae aga ajapo che roga pe coaga ajapo che roga pe
 L2. Agã ojapo hoga pe...**ha** pe ja ahape upe nde epaga hape nde promessa..
- 145 L1 {**Upeango** opa akue umi gente omanomba ()
 L2. {Palomita heta la paloma...
 L1. Ojejuka arã dociento paloma
 L2. Paloma
- 150 L1.Pe **olhango** upeichante kakuaa
 L2. **hum** ha che aha akue che sy
 L1. **Ha** ojejuka peteĩ vaca
 Doc. {**ha** coaga nde/nde
 L1. naiporiveima...naiporiveima
- 155 L2. No hae o/ () no/
 L1. {eh...naiporiveima
 L2. {opa oho, opa opaite...}
-

Glosa:

L2. Não era lá no mato que você pagava a promessa?

L1. sim, eu pagava...

L2. Lá de Caacupé ela sempre paga a promessa até hoje

L1. É agora faço em minha casa faço em minha casa...

L2. Agora faz na casa dela... e lá onde fomos para você pagar a sua promessa...

L1. Isto já acabou já acabou essas pessoas já morreram...

L2. Pombinhas muitas pombas...

L1. Tinha que matar duzentas pombas

L2. Pombas

L1. A panela era grande

L2. Hum eu já fui com minha mãe

L1. E matava-se uma vaca

Doc. E agora você/ você...

L1. Não tem mais não tem mais.

L2. Não ela/() não

L1. Eh... não tem mais

L2. Foi acabando acabou tudo

A mudança de tópico é antecedida por meio de assaltos aos turnos. Efetiva-se por meio de uma pausa com hesitação de L2, na linha 161. L1 então aproveita-se dessa hesitação e inicia o tópico: o motivo da promessa, no caso o hermafroditismo. Observa-se a ocorrência de simultaneidade de vozes, da linha 156 à 160. Por um lado L2 deseja continuar o tópico e por outro, L1 tenta encerrá-lo.

Trecho 2:

L1. {eh...naiporiveima
L2. {opa oho, opa opaite...
L1. {Chengo adeve/
L2 {Upea upea Orqueta pe aje?
160 L3. {Orqueta pe...
L2. Orqueta pe akue he...
L1. Chengo adeve la promessa a la... a la virgen pe::... por causa de que...
chengo araka' anasce la che () kuñara la irajante ha la osẽ la kuimbae che

Glosa:

L1 Não tem mais

L2. Foi acabando...acabou tudo

L1. Eu devo

L2. Isso isso é em Orqueta né?

L3. Era em Orqueta

O motivo da promessa:

No trecho analisado abaixo, os MCs ha [e], ha entonce [e então], pero [mas] aparecem em posição medial e inicial. Estes encadeiam a conversação de L1 e funcionam como elemento de coesão. Os marcadores então, de forma coesa, assumem o seu caráter multifuncional, ou seja, à medida que dão coesão ao texto de L1, conseqüentemente, também o segmentam. (Fávero,2005:)

Trecho 1:

L1 Chengo adeva la promessa a la... a la virgen pe::... **por causa de que...**
chengo araka' anasce la che () kuñara la irajante **ha** la osë la kuimbae che
maera ari...**ha entonce** mama che eraha dotor pe a che examina **ha** hei
chupe...señora koa kuña...hei chupe **pero** koa ñe kyřita **pero** koa.

L2.{hum..hë

osëa ko kuimbae asunto koa ndaikatui moai ojepea chugui...

165 L2. No

L1.**Ha upéichante** okuaata hei ()

L2.{Che abuela ombeu che::...

L1 **Ha upeingo...** heinte ko mama oiko ara hei a la virge de Kaacupe che
hechucana che képe mbae pa ojedesaparece haguã upe osëa ko che
membyre... **ha** mama oñemboe ha ojerure la la virgem pe... este dia epe ou la
ikera pe... ou la karai imanto hovy **ha...** ohendu ko chupe ha hei

170 L2{ **Cierto ite**

Glosa:

L1. E depois... mamãe no dia da virgem de Caacupé disse: mostre-se em emu sonho o que fazer para desaparecer o que saiu em minha filha... e mamãe rezou e pediu para...para a virgem... neste dia veio no sonho dela... veio um senhor com o seu manto axul e...ouvindo ela e disse]

A partícula final **ngo** no pronome pessoal **che** [eu] parece ser utilizada para dar ênfase e chamar a atenção dos ouvintes. Ao observar a presença do MC “por causa de que”, há um empréstimo da língua portuguesa. Constatase que tal ocorrência deve-se ao fato de L1 residir em uma área de contato lingüístico.

O tópic motivo da promessa desenvolve-se através dos relatos de L1, que conta sobre o diagnóstico do médico e a impossibilidade de realização da operação. Isto faz com que a Senhora Carmen, mãe de L1, recorra à virgem de Caacupé, solicitando uma solução para o caso de sua filha, L1. Observa-se que L2 auxilia na construção do texto por meio de turnos inseridos de reforço. Ex: **che abuela ombeu che** [minha avó contou para mim] e **cierto ite** [muito certo]

A solução do problema surge num sonho da senhora Carmen. A virgem de Caacupé diz como proceder para que a cura seja alcançada.

A Santa garante que se os procedimentos forem cumpridos, o problema de L1 desaparecerá no prazo de um mês. Ressalta que, após a benção alcançada, L1 deverá devotar-se a ela em cada dia 08 de dezembro, data em que é homenageada.

Trecho 2

L1. Ha upeingo... heinte ko mama oiko ara hei a la virge de Kaacupe che hechucana che képe

L2. {Cierto ite

175 **L1.** mbae pa ojedesaparece haguã upe osëa ko che membyre... **ha** mama oñemboe **ha** ojerure la la virgem pe... este dia epe ou la ikera pe...

L2.

{hum...

L1. ou la karai imanto hovy **ha...** ohondo ko chupe ha hei chupe...epau eju ja ñemivo ha oho onëe opau hei chupe pyharevete terehota rejogua un metro paño hei chupe...

180 **L2. {hum**

L1. Ha rejpota...reruta pe pohã **ha** re moïta peare **ha** rejokuata hei chupe... un me justo pe revisa retopata oje desapareceta la pe osëa hei chupe aora **upéicha avei** hei chupe... edade de sei año la nde memby oho ara pe che ara pe otýpei... ojohei platillo o cualquier cosa **aja?**

Glosa:

L1. E depois... mamãe no dia da virgem de Caacupé disse : mostre-se em meu sonho o que fazer para desaparecer o que saiu em minha filha... e mamãe rezou e pediu para...para a virgem... neste dia veio no sonho dela... veio um senhor com o seu manto axul e...ouvindo ela e disse acorde venha vamos conversar e foi falar acordou disse para ela de noitinha vá comprar um metro de pano falou para ela

L2. Hum

L1. E faça...traga esse remédio e ponha ali e vai amarrar disse para ela...um mês exato revise e vai encontrar vai desaparecer o que saiu em sua filha agora depois disso disse para ela...com idade de seis anos o seu filho tem que ir em meu dia varrer...lavar prato ou qualquer coisa, né?]

L1 recebe a benção e conseqüentemente torna-se devota de Nossa Senhora de Caacupé e até hoje, vem cumprindo esse compromisso.

É importante lembrar que a função do MC depende do contexto em que ocorre.

Observa-se no trecho 3 a seguir, linha 167, o marcador **ha upéichante** [*e dessa forma*] em posição inicial com função de concluir o episódio do hermafroditismo. Na linha 176 observa-se o valor semântico de **upéicha avei** [*mas depois disso*] distinguindo-se de **upéicha** da linha 181 [*assim, desse modo*]. Nota-se que L2 neste trecho participa da conversa por meio de turnos inseridos de reforço, (exemplos nas linhas: 167, 170, 173, 175, 187).

Os MCs **Ha** aparece em posição inicial nas linhas 166,168, 188, 189,191.

Em posição medial nas linhas: (170,171, 172, 173, 175,180,186,188,189,191 e 200).

O MC **aja** aparece em posição final.

Trecho 3:

L2.{hum..hẽ osẽa ko kuimbae asunto koa ndaikatui moai ojepea chugui...
165 L2. No
L1.**Ha upéichante** okuaata hei ()
L2.{ Che abuela ombeu che:...
L1 **Ha upeingo**... heinte ko mama oiko ara hei a la virge de Kaacupe che
hechucana che képe
170 L2{ **Cierto ite** mbae pa ojedesaparece haguã upe osẽa ko che membyre... **ha**
mama oñemboe ha ojerure la la virgem pe... este dia epe ou la ikera pe... ou la
karai imanto hovy **ha**... ohondo ko chupe **ha** hei
L2.{**hum**...chupe...epau eju ja ñemivo **ha** oho onẽe opau hei chupe pyharevete
terehota rejogua un metro

-
- 175 L2.{**hum** paño hei chupe... ha re japota...reruta pe pohã **ha** re moĩta peare ha re jokuata hei chupe... un me justo pe revisa retopata oje desapareceta la pe osẽa hei chupe aora **upéicha avei** hei chupe... edade de sei año la nde memby oho ara pe che ara pe otỹpei... ojohei platillo o
- 180 L2.{hã...cualquer cosa **aja?** ajapoa ara la hiara pe...la... la virgem ara pe...**ha entonce** ro pyta **upéicha** upei mama pyhareve opuã oho ojogua la paño... ojapo... un me justo pe..
L2.{ojapo...
Doc. (A hae la ...peteĩ sonho...sueño?)
L1 { he ...sueno pe... i sueño pe
- 185 L2{ou
L1. Ou hei chupe..**ha** ...ojapo...ojapo...
L2.{**hum**...
L1. **Ha upei katu** akuera...
L2 **Ha upei** o abri... aguela che ombeu... o abri...a otopa sano y bueno ndo rekoi peteĩ...
- 190 ((tosse))
L1.{**ha** che kuña voi
L2.kuña voi... (mesmo)
L1. {**Pero** areko la jeito de kuimba'e koã che rova rague umia osẽa ()
L2. {No nda haei mãe...na haei
- 195 L1. {No areko peteĩ jeito?...
L3 (no) rekoi (risos)
L2. { hẽ mãe ndente re pensa.. (risos)
L1. {No () Che ()
- 200 L2. {**Ha** upea lo que e/ lo que e la...mbaepa la heise la fe'
L1. {che (memby
L2.Che abuela fe ()
L1.Hẽ
-

3. A FUNÇÃO DOS MCS “HA, UPÉICHA, AJA/AJE” NO CORPUS ANALISADO E APRESENTAÇÃO DE OUTROS MARCADORES ENFÁTICOS

3. Os marcadores “ha, upéicha, aja/aje”, enfáticos

Observa-se que as posições dos marcadores não são permanentes, ou seja, não há um caráter fixo ou predominante de maneira geral. Por isso podem aparecer em posições iniciais, mediais ou finais. Alguns marcadores são mais freqüentes em algumas posições. A exemplo do marcador “ha”, percebe-se que é mais freqüente em posição inicial, medial. É raro seu aparecimento em posições finais do texto.

3.1. O Marcador ha

Em posição inicial, esse marcador inicia os turnos. Em posição medial tem função de dar coesão ao texto.

Quadro 01 - marcador “ha”

Guarani Jopará	Português
Ha entonce	E então
Ha cierto	E certo
Ha upepe	E lá
Ha upe	E o
Ha otro upei katu	E outro depois
Ha upéichante	Desse jeito, dessa forma
Ha upeingo	E depois “ngo” final dá ênfase ao verbo
Ha upeari	Por ela
Ha en seguidama	E logo em seguida
Ha upepe che ama	E aí minha querida

Exemplos de marcadores “ha” em posição medial:

L1. Adiparango ha upei katu aha::... de fuerza aya/ayattropellá la Che rokẽ porque na ñanimai añeeo nda rekoi corage... añeeo... ha upepe Che ama hoa la okẽ ha upepe opuã la Che amiga...mbaeiko la oiko'a? ha'e chupe ndapepe peteĩ Che segui ha peteĩ un yvy/yvytea...ha upepe oparei ha::...ndaipori vei.. oho...ha upei otra ve Che ah ala baile ha pe la pyharekue upéicha

*Glosa: [Corri e depois fui::... com força? Eu atro/atropelei a minha porta porque não tive ânimo **Aneeeo** não tive coragem...(aneeo) e lá minha amiga caiu a porta e lá levantou-se a minha amiga ...o que está acontecendo? Eu falei pra ela lá um me seguiu e peti do chão levantou e lá acabou e>>..não tinha mais...foi... e depois outra vez::...*

3.2. O MC Upéicha

Diferentemente do MC anterior, observa-se que o marcador “upéicha” é mais freqüente em posição medial, embora possa ser notada sua presença em posição inicial, com função de iniciador de turno. Raramente será encontrado em posição final. Este MC tem o valor semântico no texto analisado como: “assim, desse jeito”. Quando acompanhado pela partícula “rupi” + “ngo” no contexto analisado significa “por causa disso”.

Quadro 02 - marcador “upéicha”

Guarani Jopará	Português
Upéicha	Assim, desse jeito
Upéicha rupingo	Por causa disso
Upéichama	Já ia assim
Upéicha che ama	E assim minha querida
Upeichante	Comparativo
Upéicha upei	Assim depois

a) Marcador “upéicha” em posição inicial

Nesse caso, o MC tem a função de iniciar o turno.

Exemplo:

L1. {upéicha oje usa akue [*assim antes usava-se*].

b) Marcador em upéicha posição medial

Nesse contexto, o MC tem o valor semântico de “assim”.

Exemplo:

L1. Che che ño chengo nda/Che nda Che juntai guasui voi..ha::...
oĩ la paraíso **upéicha** ...umi paraíso rapo kue...**upéicha** ya
guapy...porã hi'ari pe.. ha aha pe upero pete... aha atopa...peteĩ
o'ne'naka koa oh...koko ioyokuá koi...

Glosa: [*... eu ia mesmo ao baile em noite assim eu era sozinha
mesmo/não não me juntava muito mesmo e::... tinha um paraíso
assim... esses paraísos ... assim eu me sentei..bem em cima dela...
e fui por lá... fui e encontrei... um que com a cabeça oh.. este
amarrada assim...*]

c) Em posição final

Nessa função o MC tem o significado “assim”, sua posição, no entanto é final.

Exemplo:

L1 La tapengo upéicha.

Glosa: [A estrada era assim]

3.3. Os MC aje/aja

Quadro 03 – marcadores aje/aja

Guarani Jopará	Português
Aje/aja	“Verdade?”, “Né?”, “Não é?”

Aje/aja, são marcadores que têm a função de buscar uma atividade interativa: “Verdade?”, “Né?”, “Não é?”. Aparece em enunciado interrogativo. É freqüente em posição final e sua função, nesse caso, indica a passagem explícita do turno. Está representado por uma pergunta direta e sinaliza a participação de outro interlocutor. Em posição medial tem a função de marcar a opinião do locutor sem se preocupar em passar o turno.

a) Marcadores “aja/aje” em posição final

L2.{hã...Ajohei platillo cualquier cosa **aja?** ajapoa ara la hiara pe...la... la virgem ara pe...ha entonce ro pyta upéicha upei mama pyhareve opuã oho ojogua la paño... ojapo... un me justo pe.

Glosa: *[para eu lavar ou qualquer coisa né? O que fizer em seu dia... a ...ao dia da virgem... e então nó]*

L2. E claro nde ne acostumbra la “yvy” nde reke **aja?**

Glosa: *[É claro você se acostumou a dormir no chão não é?]*

L1. Ahasa pe ijypete upi ha ma nde amñã porá katu ko hese (risos) (ruídos) upeari anga omano ha/ hae omano oguapy upepe koa ojokua la iñakã koape ko omanoa ojokua voi sapyante {aje?

Glosa: *[Passei perto eu já te disse olhei bem pra ele.... ele morreu sentado lá aqui amarrou a sua cabeça aqui quem morre amarra mesmo às vezes né?]*

L2.{hã...Ajohei platillo cualquier cosa **aja?** ajapoa ara la hiara pe...la... la virgem ara pe...ha entonce ro pyta upéicha upei mama pyhareve opuã oho ojogua la paño... ojapo... un me justo pe.

Glosa:

[para eu lavar ou qualquer coisa né? O que fizer em seu dia... a ...ao dia da virgem... e então nó].

3.4. Os marcadores enfáticos

Percebe-se a presença de MCs que têm função de dar ênfase.

Os MCs enfáticos desempenham papel preponderante na articulação do texto e servem para promover maior envolvimento entre as interlocutoras. Esses MCs ocorrem em diversas posições, no entanto, estas não serão enfocadas neste estudo, apenas ilustram exemplos de marcadores enfáticos.

Quadro 04 – marcadores enfáticos

Guarani Jopará	Português
Voi	<i>Mesmo</i>
Piko	<i>Mesmo</i>
Hae ma nde	<i>Eu já falei</i>
Che ama	<i>Minha querida</i>
A la cuenta	<i>Minha nossa</i>
Ha suerte che ama	<i>E sorte minha querida</i>
Upeango	<i>Essa</i>
Upeingo	<i>Depois</i>

CONCLUSÃO

No texto analisado em guarani jopará, constatou-se a presença de MCs em posições iniciais, mediais ou finais. Alguns marcadores foram mais freqüentes em algumas posições. A exemplo do marcador **ha** isolado e seus compostos. Averiguou-se que tal MC ocorreu com mais freqüência em posição inicial, medial e raro em posição final. Sua função foi fundamental para coesão e coerência do texto analisado.

Diferentemente do MC anterior, observou-se que o marcador **upéicha** foi mais freqüente em posição medial. Embora possa ser notada sua presença em posição inicial, com função de iniciador de turno. Mas raramente ele foi encontrado em posição final. Este MC teve o valor semântico de: assim, desse jeito. Quando acompanhado pela partícula **rupi + ngo**, no contexto analisado, significou por causa disso com função de ênfase.

Verificou-se que os MCs **aje/aja** - corresponde a um MC que teve função de buscar uma atividade interativa: “Verdade?”, “Né?”, “Não é?” - apareceu em enunciado interrogativo. Constatou-se que é freqüente em posição final, e sua função neste caso indica a passagem explícita do turno. Constatou-se que esse marcador estava representado por uma pergunta direta que sinalizava a participação de outro interlocutor. Em posição medial teve a função de marcar a opinião do locutor, sem se preocupar em passar o turno.

Foram averiguadas a presença de MCs enfáticos:

- **Ngo**- partícula final indicando ênfase.
- **Hae mande**” - *[eu já disse]*.
- **Voi** - *[mesmo]*.
- **Piko** - *[mesmo]*.

- **Che ama** - [*minha querida*].
- **A la cuenta** - [*minha nossa*].
- **Ha suerte che ama** – [*e a sorte minha querida*].
- **Upeango** - [*essa*].
- **Upeingo** - [*depois*].

Os marcadores apresentados acima desempenharam um papel multifuncional, sem caráter fixo, portanto suas posições se modificaram. Isso foi verificado com os marcadores conversacionais em guarani jopará.

Com a análise dos MCs em guarani jopará, foi possível observar que, com relação à função dos MCs, não há diferença entre o texto guarani jopará e em língua portuguesa. Com exceção da partícula sufixal **ngo**, que demonstrou operar como um marcador enfático, os MCs no texto analisado podem ocorrer nas posições iniciais, mediais e finais.

Como já foi visto, o mesmo marcador pode assumir valores semânticos distintos de acordo com sua posição no discurso, seu contexto.

A partir do quadro abaixo, é possível ter uma visão geral das posições assumidas pelos MCs ao longo do texto oral, embora nem todos tenham sido analisados detidamente.

Quadro dos Marcadores Conversacionais em guarani jopará:

No texto oral analisado foram observados os marcadores nas respectivas posições:

Iniciais: Ha, ha pe, upéicha, upéicha rupingo, upei, ha cierto, cierto ite, ha upepe, ha upe, upearí,, ha outro upeikatu, e claro, upeango, ha upéichante, ha upéíngo, ha upei katu, ha upepe, pero, a la cuenta.

Mediais: Upengo, ha, pengo, ha, ha upei, pengo, ha.
upepe, ha, upéicha, upéicha rupingo, por causa ike, eh, piko, la, ha, upea, peicha, em seguidama, piko, ha, upeichama, hae mande, porque, ha upepe Che ama, voi, upéichante,, upepe koa, upegui, por causa de que, ha entonce, pero, mbaepa, ha upeikatu, porque, ha upei em seguidama, ha suerte Che ama, oĩ peicha, napepe.

Finais: Aje, aja, piko ,upeí..., ha upea, upéicha, voi.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALI, N.S. **Meios de expressão e alterações semânticas**. São Paulo: Francisco Alves, 1930.

_____. **Meios de expressão e alterações semânticas**, 2 ed. Ânticas, 2 ed. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1951.

BOCCARA,Guillaume; GALINDO, Sylvia (ed.). **Lógica mestiza en América**. Chile: Instituto de Estudios Indígenas, 1999.

BROWN, Gillian; YULE, George. **Discourse analysis**. Cambridge: Cambridge U. Press, 1983.

CASTILHO, Ataliba T. de & PRETI, Dino (orgs.) **A linguagem falada culta na cidade de São Paulo**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1987, p. 281-322.

CASTILHO, Ataliba. T. de. Para o estudo das unidades discursivas no português falado. In: ____ (org.) **Português falado culto no Brasil**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1989. p. 249-279.

_____; PRETI, Dino. **A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: materiais para o seu estudo**. V. □□- Diálogos entre dois informantes. São Paulo: T. A. Queiroz/FAPESP, 1986

COUTO do, Hildo Honório. **A questão da gramaticalização nos estudos crioulos**. Disponível em: <http://www.unb.br/il/liv/papers/gramat.htm>. Acesso em: 21 jan./2006

FÁVERO, Leonor Lopes. **Coesão e coerência textuais**. 10 ed. São Paulo: Ática, 2004.

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia C. V. O; AQUINO, Zilda G. O. **Oralidade e escrita perspectiva para o ensino de língua materna**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2005

GALEMBECK, Paulo de Tarso, SILVA, Luis A. ; e ROSA, Margaret de Miranda. O turno conversacional. In: PRETI, Dino.; URBANO, Hudinilson. **A linguagem falada culta na cidade de São Paulo**. v. IV - Estudos. São Paulo: T. A. Queiroz/FAPESP, 1990. p. 49-98.

GALEMBECK, Paulo de Tarso, CARVALHO, Kelly Alessandra. **Os marcadores conversacionais na fala culta de São Paulo** (Projeto NURC/SP). VI INPLA, PUC-SP, São Paulo, 1996. Também disponível em:

<http://lael.pucsp.br/intercambio/06galembeck-carvalho.ps.pdf>. Acesso: 28 dez. 2005.

GONÇALVES, Eliane. **A presença de Marcadores Conversacionais na produção oral de língua estrangeira: estudo do caso de falantes do português do Brasil aprendizes de espanhol**. Dissertação (mestrado). Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

GUASCH, Antonio. **El idioma guaraní. gramática y antología de prosa y verso**. Asunción, Paraguay: CEPAG, 1996.

MARCUSHI, Luiz Antonio. **Análise da conversação**. São Paulo: Ática, 1986.

_____. **Marcadores conversacionais no português brasileiro: formas, posições e funções**. (cópia xerografada), 1987.

_____. **Marcadores conversacionais no português brasileiro: formas, posições e funções**. In.: Português culto falado no Brasil. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989. p.281-321.

_____. **Análise da conversação**. São Paulo: Ática, 1991.

MONTOYA, Antonio Ruiz de. **Catecismo de la lengua guaraní**, Madrid por Diego Diaz de la Carrera, 1640; publicado novamente sem alteração alguma, por Julio Platzmann, (Arte vocabulario tesoro y catecismo de la lengua guaraní,4). Leipzig, 1876.

PRETI, Dino (org). **Análise de textos orais**. (Projetos Paralelos, 1). São Paulo: Humanitas, 2003.

_____. **Estudos de Língua Falada: variações e confrontos** (Projetos Paralelos, 3). São Paulo: Humanitas, 1998.

_____. **Diálogos na fala e na escrita: variações e confrontos** (Projetos Paralelos, 7). São Paulo: Humanitas, 2005.

PRETI, Dino; URBANO, Hudinilson. **A linguagem falada culta na cidade de São Paulo**. São Paulo: T. A. Queiroz, Fapesp; 1990.

ROMERO, Roberto A. **Referencia a la Guerra de la Triple Alianza**. In: Wolf Lustustig. Chácore purahéi - Canciones de guerra. Disponível em: <http://www.staff.uni-mainz.de/lustig/guarani/chacpura/chactext.htm>. Acesso em: 20 jan./2006.

ROSA, Margaret de Miranda. **Marcadores de atenuação**. São Paulo: Contexto, 1992.

SAPIR, EDWARD. **A linguagem**: Introdução ao estudo da fala. Tradução e apêndice de J. Mattoso Câmara Jr. Rio de Janeiro: Perspectiva, 1980.

SUÁREZ, Emma Gregore; SUÁREZ, Jorge Alberto. **A description of colloquial Guaraní**. Tese (doutorado). Cornell University, 1961.

URBANO, Hudinilson. Marcadores conversacionais. In: PRETI, Dino (org.) **Análise de textos orais**. São Paulo: FFLCHUSP, 1993. p. 81-101.

URBANO, Hudinilson et al. **Gramática do Português Falado**: Níveis de análise lingüística. ILARI, R. (Org.). V. 2. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1992.

THUN, Harald. **A dos mil la uva, a mil la limón**. In.: DIETRICH, Wolf; SYMEONIDS, HARAMBOS (eds.): Guaraní y "maweti-guaraní". Estudios históricos y descriptivos sobre una familia lingüística de América Del Sur, 355-412, 2006.

Site pesquisado:

Google Guaraní: Google.com/intl/gn

ANEXO 01

TRANSCRIÇÃO INTEGRAL DA CONVERSA ANALISADA

Ficha de Identificação

L1-Francisca Vaez	L2-Fidelina Baz	L3- Ofélia Ortega
Idade: 76 anos Nacionalidade: Paraguaia	Idade- 56 Nacionalidade: Paraguaia	Idade:41 Nacionalidade: Paraguaia

Duração: 60 minutos

Local: Dourados - MS

Data: 16 jan. 2005

Transcrição

- 1 **L1.** Upepe'ko ojepovoa ai...eh heta gente oi upepe Cerro Cora pe...pe Cerro pe voi
 L2. {pueblo eh ãga
 L1. {eh heta gente oi upepe
- 5 **Doc** {amo Cerro Cora?
 L1. Eh Cerro Cora pe...pe Cerro re ojere...Cerro Cora pe voi ha:: reikuaapa mbaepa rera Cerro cora upea? La Marical lope upengo ou ojevy jey ha koa::.. ko'apengo Paraguai paite akue
 Doc. (hum...hum...)
- 10 **L2.** Rio Brillante pe gue... 'até Rio Brillante...'
 L1. {Ha entonces Rio Brillante entero Paraguai akue ha'e operde ha'e... ha oñembou...ou...ou hina ha upei:... amo ultimo la Cerro Cora pengo hae...o:::... ojejukata ha upepe no () hei chupe entrega la nde bandera ha::... o sino rejje/ remanota he'i chupe ha::...che yuka ha nda/ nda
- 15 entregai mōaĩ la che bandera

- L2.** {ha ho'u la ibandera...
- L1.** {Ha ho'u la ibandera ha upéicha rupingo ha'e la... ojefesteha py [e comeu a sua bandeira... e comeu a sua bandeira e por isso ele foi festejado].
- 20 **L2.** Hum...
- L1.** upéicha rupingo ha'la oguereko la gloria por causa ike... no entregai la ibandera
- L2.** {upeí iva /valiente
- L1.** Marical chevy Marical rire Marical chevy hei () mamopa oime rehasa
- 25 arã...nde
- L2.** {hum
- L1** ko Paraguai mombeu py/ mombeu pýra he'i...
- L2.** {hum...
- L1.** No entregai pe ibandera odefende (o) Paraguay
- 30 **L2.** Ha cierto
- L1.** {Cierto ite...
- L2.** Ha upepe la marical eh::...mariscal Lope piko mae/ la::... no nda haei Marical Lope/ Marical Lope la ojapo umi tahachi pe oraha uno heta tahachi ha...ojapo la yvykua ha
- 35 **L1.** {e claro... omotý la oro ha oyuka paité la tahachi Haengo...haengo ojapo hetaiterei mbae...
- L2.** {o::.
- L1.** {ha'e ñande ko la (aipo?) un tal De Pancha Gamendia peteĩ kuñane porãva...kuña porã...
- 40 **L2.** Ha upe la (i revy kuña)
- L1.** {ëh iñamante ha ojukauka...ojukauka omombo yvykua pe...
- L2.** Mbaere?
- L1.** Ha... ha'e o::jukante voi la persona pe voi la::... (omaere voi) la ojuka

- 45 ojuka... ha marical Lope ñande ko kariaỹ nde porãva kavaju blanco ari oiko... ha::... haengo omanda paite ha::...he... oĩ la un tal de Malamalinche hera peteĩ kuña...
- L3.** Hum...hum.. ñande edad
- L1.** {Malamalinche ha upea la... upea la oreko ha la peicha
- 50 hei chupe la cosa pea..hei nderehe pea amoa ha ha'en seguidama ha'e ojuka...Omombo
- L2.** {Ha la Malamalincha piko ha'e ikuñante ko mbae?
- L1.**
- {Ndahaei ikuña ai...
- 55 **L2.** (Ta) upeari iñakavai piko?
- L1.** Iñakavai...ha la Pancha Garmência... ha'e la ojuka la Pancha Garmência pe...
- L2.** Che ndai kuaai upei...
- L1.** A la cuenta kuña nde porãva ko he...
- 60 **L3.** {Chengo na che manduai
- L2.** {Hum ()
- L2.** Ha upepe la marical eh::...mariscal Lope piko mae/ la::... no nda haei Marical Lope/ Marical Lope la ojapo umi tahachi pe oraha uno heta tahachi ha...ojapo la yvykua ha
- 35 **L2.** Ha upepe la marical eh::...mariscal Lope piko mae/ la::... no nda haei Marical Lope/ Marical Lope la ojapo umi tahachi pe oraha uno heta tahachi ha...ojapo la yvykua ha
- 35 **L1.** {e claro... omotỹ la oro ha oyuka paité la tahachi Haengo...haengo ojapo hetaiterei mbae...
- L2.** {o::..
- L1.** {ha'e ñande ko la (aipo?) un tal De Pancha Garmência peteĩ kuñane porãva...kuña porã...
- 40 **L2.** Ha upe la (i revy kuña)

- L1. {ẽh iñamante ha ojuka...ojuka omombo
yvykua pe...
- L2. Mbaere?
- 55 L2. (Ta) upeari iñakavai piko?
- L1. Iñakavai...ha la Pancha Garmência... ha'e la ojuka la
Pancha Garmência pe...
- L2. Che ndai kuaai upei...
- L1. A la cuenta kuña nde porãva ko he...
- 60 L3. {Chengo na che manduai
- L2. {Hum ()
- L1. {porã...iporã...ha upeingo lo
mbeuta nde la ayu la a asẽ la karai roga gui...ahasa la laguna... ha
pe laguna gui ahecha la osẽ la osea... ha osẽ che segui...che segui
adiparango haengo pe
- 65 che cota upéichama oñecaramata cherehe... ijyvantengo...
ijyvatengo haema nde... aha... adiparango... adiparango...
- L3. {malavision
- L2. {Malavision...
- L1. Adiparango ha upei katu aha::.. de fuerza aya/ ayatropellá la
che rokẽ
- 70 porque na ñanimai añeeo nda rekoi corage...añeeo... ha upepe che
ama? hoa la okẽ ha upepe opũã la che amiga...Mbaeiko la oiko'a
ha'e chupe ndapepe peteĩ che sigui ha petĩ un yvy/ yvyatea...ha
upepe opareí ha::... ndaipori vei... oho...ha upei e depois outra
ve::... che aha voi la baile ha pe la pyharekue upéicha la che ño
chengo nda/ che nda che juntai guasui voi...
- 75 ha::... oi la paraiso upéicha... umi paraiso rapo kue...upéicha ya
guapy... porã hi'ari pe...ha aha pe upero pete ... aha atopa... peteĩ
oñeñaka koa oh...koa ko i oyoká ko i...
- Doc.**{hum... rehecha?

- 80 **L2.** { Mama ohecha..[mǎe) ohecha...
L1. {Aguapy peicha upeicha
 oguapy oguapy peicha
 (risos)
L1. Ahasa pe ijypete rupi haema nde amaña porã katu ko hese
 (risos) (ruídos) upeari anga Omano ha/ hae omano oguapy upepe
 koa
- 85 **L1.** ojokua *la* iñakã koape/ ko omanoa ojokua voi sapyante {aje?
L2. {hã..hã
L3. {umi ()]
L1. {Upeicha oje usa akue ko'ape no je usai
L3. {No ojokaupa (ha)
- 90 **L1.** {Hẽ
Doc. (Oguapy ha
L1. {Ha oguapy ha...
 {iñacara...
L2. A ha'e o {hecha...
L1. {hẽ...che ahasa pe iyupete rupi apyta amaña hese...
 ha upei la
- 95 **L1.** ahasa upegui...ha upei ojupi cherehe la pĩrĩ::... che pĩrĩ... che
 pĩrĩ...che pĩrĩ...che pĩrĩ. haete () aripara aha che pĩrĩ na che vei voi
 haete
 (risos)
L1. Ha otro upeikatu aiko la kuñakarai roga akeara la yvype pe
L2. Hum
- 100 **L1.** Ha la kuñakarai oke la tupa pe ha upei ou la ro'y ro'y... ro'y
 (risos)
L1. Ha hei la kuñakarai) eyuna ña Francica eke ko ichepyguyto hei
 che... porque roy etereingo ha la... pisongo la pe madera...{tarjita...
L3.
 {hum...hum

- 105 **L2.**
 {hum...
 taula...taula...
L1. Ha hei che... ejuna ña Francica eke ko pyguyto... bueno hae chupe...ha...la aké ipyguyto ha upei omêê che petei che akuarusé aje? apũã upei che aimoa che la yvype pe jeynte arova upéicha la che py ha aha
- 110 ajepyjerei la tupa ha aipireo koa aipea paite peicha...apyta hae mande uno tre mese ndaikatuvei aguata...
 (risos)
L2. Porque nde ñe acostumbra la yvy nde rekê aja?
L1. E claro che acostumbra yvy pe ake py aje?che aimoa yvype je'y rake
- 115 apũã arova la che py ha a che ama...ha a mingo...
 (risos)
L2.Mãe ha pende promesa re paga haguã remanduá? che che manduá nde rye guasu Silvio ha re jupi la kavaju ari pe ha... (risos)
L1. {hẽ! Mama hei...
- 120 alquilata la nde che memby ko cavaju tereho kavaju ari hei che che rye guasute Fidela...
L2. No... Silvio gui... chengo ya hechama upea...
 (risos)
L1.{ ha ajupi...
- 125 **L2.** Ojupi...(risos)
L1.Ajupi la kavaju ari oguerova vo la ipaso ayu che i la revyngoto lado...
 (risos)
L1. Ha a la rye aimetete o {soro...
L2. {hẽ? (risos)]
- 130 **L1.** {ha upei katu e depois então outra ve che hermano oreraha carroça pe carret/ eh carreta ruguai pe

- L2. {carrete...carreta mãe...
 L1. {Ha la tapengo upéicha:..
 L2. {carreta
 135 L1. {ijy/ ijyvatengo ha la
 carro oike valete oho ojupi upéicha oho (oremboapypami) upéicha
 che ama ha la carrete de gueipe...
 L3. gueipe...
 L2. {Upepe nda haei ka'a pe nde paga nde promesa?
 140 L1. {Hẽ... hae apaga...
 L2. {Upe Kaacupe pe hae
 siempre opaga againtepegua
 L1. {hae aga ajapo che roga pe coaga ajapo che roga pe
 L2. Agã ojapo hoga pe...ha pe ja ahape upe nde epaga hape nde
 promesa..
 145 L1 {Upeango opa akue umi
 gente omanomba ()
 L2. {Palomita heta la paloma...
 L1. Ojejuka arã dociento paloma
 L2. Paloma
 150 L1. Pe olhango upeichate kakuaa
 L2. hum ha che aha akue che sy
 L1. Ha ojejuka peteĩ vaca
 Doc. {ha coaga nde/nde
 L1. naiporiveima...naiporiveima
 155 L2. No hae o/ () no/
 L1. {eh...naiporiveima
 L2. {opa oho, opa opaite...
 L1. {Chengo adeve/
 L2 {Upea upea Orqueta
 pe aje?
 160 L3.
 {Orqueta pe...

L2. Orqueta pe akue he...

L1. Chengo adeve la promesa a la... a la virgen pe::... por causa de que... chengo araka' anasce la che () kuñara la irajante ha la osẽ la kuimbae che maera ari...ha entonce mama che eraha dotor pe a che examina ha hei

165 chupe...señora koa kuña...hei chupe pero koa ñe kytĩta pero koa

L2. {hum..h

L1.osẽa ko kuimbae asunto koa ndaikatui moai ojepea chugui...

L2. No

L1. Ha upéichante okuaata hei ()

170 **L2.** { Che abuela ombeu che::...

L1. Ha upeingo... heinte ko mama oiko ara hei a la virge de Kaacupe che hechucana che képe

L2. {Cierto ite

L1. mbae pa ojedesaparece haguã upe osẽa ko che membyre... ha mama

175 oñemboe ha ojerure la la virgem pe... este dia epe ou la ikera pe...

L2.

{hum...

L1. ou la karai imanto hovy ha... ohondo ko chupe ha hei chupe...epau eju ja ñemivo ha oho onẽe opau hei chupe pyharevete terehota rejogua un metro paño hei chupe...

180 **L2.** {hum

L1. ha rejapota...reruta pe pohã ha re moĩta peare ha rejokuata hei chupe... un me justo pe revisa retopata oje desapareceta la pe osẽa hei chupe aora upéicha avei hei chupe... edade de sei año la nde memby oho ara pe che ara pe otỹpei... ojohei platillo o cualquier cosa aja?

185 **L2.** {hã...

L1. ajapoa ara la hiara pe...la... la virgem ara pe...ha entonce ro pyta upéicha upei mama pyhareve opuã oho ojogua la paño... ojapo... un me justo pe..

- L2. {ojapo...
- 190 **Doc.** {A hae la ...peteĩ sonho...sueño?
 L1. { he ...sueno pe... i sueño pe
 L2. {ou
 L1. Ou hei chupe..ha ...ojapo...ojapo...
 L2. {hum...
- 195 L1. Ha upei katu akuera...
 L2. Ha upei o abri... aguela che ombeu... o abri...a otopa sano y
 bueno ndo rekoi peteĩ...
 ((tosse))
 L1.{ha che kuña voi
- 200 L2.kuña voi... (mesmo)
 L1. {Pero areko la jeito de kuimba'e koã che rova rague umia
 osêa
 L2. {No nda haei mǎe...na haei
 L1. {No areko peteĩ jeito?...
 L3. (no) rekoi (risos)
- 205 L2. { hẽ mǎe ndente re pensa..
 (risos)
 L1. {No () Che ()
 L2. {Ha upea lo que e/ lo que e la...mbaepa
 la heise la fe'
- 210 L1. {che memby
 L2.Che abuela fe
 L1.Hẽ

ANEXO 02

Virgem de Caacupé

